



FRUIÇÃO E METAMORFOSE: AS FICÇÕES DE GREGOR SAMSA E O ATO TEATRAL RECEPTIVO ENQUANTO EXPERIÊNCIA TRIDIMENSIONAL

Eduardo da Silva Rocha¹

Podemos pensar o fenômeno da recepção teatral como algo que oportuniza uma modalidade de fruição tridimensional e efêmera, ou seja, que afeta para além da superfície da obra, como os próprios limites retangulares dos palcos, páginas, sons e outras molduras. Nesse sentido, pensamos, neste trabalho, a publicação de *A Metamorfose* (Hedra, 1968), do escritor austro-húngaro Franz Kafka, que, apesar de largamente encenada ao redor do mundo, é aqui brevemente apresentada e discutida sob a ótica da fruição estética de alguns dos seus aspectos literários, ressaltando-se um caráter de fragmentação figural enquanto traço estilístico do autor, bem como as possibilidades de investigação das diferentes instâncias de ficção que perpassam as camadas de construção de sua personagem central, Gregor Samsa.

Considerando ainda o trabalho de Eleonora Fabião (2012), *Performance e história: em busca de uma historiografia performativa*, será também possível refletir alguns pontos sobre o ato receptivo no teatro e na arte enquanto uma experiência tridimensional, que, aqui, se articula ao contemplar de uma prática teórica reflexiva em torno de textos, noções e conceitos de ficção, assumindo como finalidade apresentar os registros de uma resenha da notória novela de Kafka, *A Metamorfose*. De modo particular, é conduzida uma leitura para além dos aspectos fundamentais da obra, na direção das diferentes camadas ficcionais que revestem o percurso evolutivo da figura fragmentada de Gregor Samsa, personagem traduzido em um popular inseto de casca grossa, pequenas e numerosas pernas e uma personalidade furtada de dignidade. Inseridos nessa perspectiva, seremos convidados a fruir diferentes modos de pensar possíveis significados de alguns de seus componentes narrativos.

Se faz importante que iniciemos nos atendo às descrições essenciais de uma novela que fomenta críticas multidirecionais à condição humana, aspecto que pode ser percebido como intencional por parte do autor, através da sugestão de figurações atreladas à exclusão, falta de autonomia e autodeterminação. *A Metamorfose* propõe questões sensivelmente ligadas à própria curva identitária de sua personagem principal e a forma como se coloca no mundo. Escrita em 1912 e publicada em 1915, é uma das poucas obras do autor publicadas

¹ Doutorado em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e discente do curso de Estética e Teoria do Teatro da UNIRIO.

ainda em vida (Carone, 2007). Fazendo uso de poucos floreios e adjetivos inúteis, traço estilístico que traz um certo tom de relato burocrático ao enredo, Kafka nos provoca a pensar como a ficção formata o imaginário ao mesmo tempo em que age no real: um real transgressor, que também opera na ficção.

Deste modo, para além da transição metamórfica posicionada no centro estético da obra, nos incentiva a uma leitura sobre os modos de transformação da própria ficção. Se recorrermos a Stierle (2006), essa transformação ocorre superando o binarismo da ficção contra a realidade, pois há ficção *com* a realidade, sentença que se faz primordial para aquilo que seria produzir, textualmente, a transformação. No caso de Samsa, essa produção se assume como um de seus alicerces na medida em que ficcionaliza-se por si próprio, dentro das inseguranças que o assombram, do desenvolvimento progressivo de sua autorrepulsa e da falta de controle sobre sua própria vida – fenômenos que ocorrem ao mesmo tempo em que, em âmbito exterior, ele é ficcionalizado por sua família enquanto inseto. Esses dois primeiros movimentos ou instâncias de ficcionalidade, uma interna e outra externa, promovem uma transformação na sua casa e na sua família, de universo pequeno-burguês, onde sua rotina e seu trabalho entram também em uma grande transformação. Vislumbramos, portanto, que sua metamorfose vai nos oferecendo um punhado de possibilidades de ficção que se constroem, nivelando-se quase que hierarquicamente.

Com a finalidade de ilustrar a ordenação de Samsa no interior de sua figura duvidosa, expandindo nossa recepção para além de seu conto, ramifiquemos os aspectos analíticos desta resenha à experiência estética promovida no Franz Kafka Museum. O discreto casarão – adornado em sua entrada por duas estátuas do artista David Cerny que giram lentamente enquanto urinam em um mapa da República Tcheca – se transforma a partir da atmosfera cenograficamente magistral estabelecida em seu interior. Ambientes dissonantes entre si se destacam entre seus contrastes de espaços cheios e vazios, silenciosos e sombrios, nos quais são dispostas as primeiras edições de seus trabalhos, cartas, diários e manuscritos, fotografias, desenhos e outros pedaços. Em uma certa sala, jogos de espelhos dividem, multiplicam e distorcem os reflexos de quem adentra e encontra sua imagem fragmentada, separada em outras partes, dissolvida nas superfícies espelhadas.

A ideia de fragmentação, simbolizada de diversas formas nas instalações do museu, torna-se especialmente útil ao abordarmos a noção de ficção em *A Metamorfose* através das diferenças propostas na figura do seu protagonista. Samsa é primeiramente fragmentado em

uma tripla ficcionalização: por parte do traço estilístico e proposta narrativa do autor, mediante sua criação no mundo real; por parte de si mesmo enquanto personagem, que se auto-figura e é figurado pela família; em terceiro lugar, não podemos esquecer do fato de que é fundamentalmente ficcionalizado por quem o acessa no ato da fruição literária, na medida em que nós não sabemos exatamente a forma assumida por ele. Ou seja, quando levamos em consideração esse outro espaço vazio, presentificado no lapso da imagem irreconhecível do herói distorcido, é como se ele fosse, por si, um fragmento.

Em continuidade, essa peça fragmentária, por meio de sua lacuna imagética proposta pelo autor, vai mingando em um processo que embeleza a oportunidade de discutir a ideia de ficção, recepção e fruição a partir do mundo pequeno-burguês de Samsa e sua família: ao se fazer como figura cindida, abre espaço para o ficcional mediante suas lacunas e a riqueza de si enquanto fragmento – é um pedaço que se faz inteiro. Ao propor um personagem que se relaciona de forma primordial com uma qualidade de fragmento, Kafka desempenha um modo de fazer ficção naturalizando o absurdo: o protagonista de sua novela acorda transformado em um inseto gigante cujo maior medo é perder o emprego.

A forma pela qual Gregor Samsa é construído em camadas ficcionais por Kafka também carrega pontos discutíveis no que se refere aos seus reflexos a serem observados. As possibilidades de reflexionamento figural convocam, em certa instância, uma ideia de duplo, se considerarmos o problema da identidade de Samsa partir do traço de que ele se revela enquanto ele mesmo, em sua plenitude, somente quando está sozinho; as profundas crises dele sozinho em seu próprio quarto são também divididas em inquietude diante da sua forma, ou seja, como ele se percebe, objetivamente, junto de sua preocupação com a percepção alheia sobre a configuração de seu corpo. Sendo assim, segue em convívio com ele mesmo sempre com esse duplo: o que entende que é e o que acredita que sua família e todo o universo exterior a si compreenda que ele seja. Esse caráter associativo de percepções pessoais e alheias, individuais e coletivas, possibilita espaços onde se opera por meio das ficções que o e *nos* perpassam, a partir das quais a sua existência assume diferentes roupagens.

A partir das reflexões sobre performance e historiografia performativa de Eleonora Fabião, a figura de Gregor Samsa e a experiência da recepção artística como um fenômeno tridimensional podem ser percebidas em algumas outras relações. No campo teatral, a recepção ocorre não apenas no nível intelectual, mas também físico e emocional, na medida em que o espectador se envolve com a obra a partir de magnitudes sensoriais e cognitivas. Essa dinâmica se dá frente ao nosso objeto de estudo de modo contraditório, visto que Gregor,

cuja transformação deveria expandi-lo para uma nova dimensão da existência, parece, ao contrário, aplainá-lo progressivamente, reduzindo-o a um ser sem agência, cujo corpo e identidade se tornam cada vez menos reconhecíveis e mais descartáveis. A experiência tridimensional, nesse caso, se desloca do personagem para a recepção da obra: Gregor se achata, na medida em que a experiência da leitura e da interpretação se expande.

Podemos pensar seu corpo transformado como um arquivo hipotético, um corpo-documento que carrega múltiplas camadas de ficcionalização. Ele é ficcionalizado pelo próprio texto, por sua família e por seu contexto social, mas também por quem o lê e o assiste, que nunca tem acesso a uma imagem precisa da sua metamorfose. Esse caráter lacunar se aproxima da noção de arquivo performativo que Fabião discute, no qual os documentos históricos não apenas registram, mas também ativam novas leituras e experiências ao longo do tempo (Fabião, 2012). Gregor, ao ser descrito de maneira elíptica, se aproxima de um arquivo “vivo”, constantemente reinterpretado e redimensionado pela leitura, muito mais do que uma entidade fixa e definitiva.

Além disso, a fragmentação da identidade de Gregor reforça a questão da performatividade da existência. A maneira como ele se percebe e é percebido pelos outros institui um jogo de representações que se entrecruzam e se modificam ao longo da narrativa. Seu corpo de inseto, nunca plenamente descrito, age como um espaço de projeção tanto para a família quanto para o leitor. Se a recepção da arte é um fenômeno tridimensional, *A Metamorfose* joga com essa dimensão ao enfatizar uma personagem que se dissolve no espaço, tanto física quanto simbolicamente. Gregor não apenas perde sua posição na casa e no mundo, mas também se esvai enquanto presença legível. Por sua vez, o leitor precisa sentir essas lacunas em si, tornando a leitura um ato também performático. Assim, a recepção do texto se constrói sobre ausências e suposições, aproximando-se da ideia de um arquivo que nunca se entrega completamente, mas que exige engajamento e reativação constante.

A narrativa kafkiana e a reflexão sobre historiografia performativa convergem na ideia de que o significado não está fixado, mas se constrói na interação entre obra e receptor. A recepção da obra, nesse sentido, se manifesta na própria experiência da leitura de Kafka, na qual a ausência de uma figura concreta de um protagonista provoca um movimento interpretativo ativo. Da mesma forma em que a performance exige a presença e participação do espectador para ser completada, a história de Samsa demanda que o leitor componha, atue e performe sua própria versão do herói. A aparente bidimensionalidade da figura de Gregor,

então, esconde a complexidade de sua recepção, que se desdobra continuamente em novas camadas de sentido.

Entrecruzando o ato da fruição aos processos de figuração que fogem ao unívoco, oportunizam-se diálogos em meio a essa resistência à uma chave de leitura fixa por meio de construções figurais que envolvem, no final das contas, uma resistência à fixação da figura: nós não temos acesso aos resultados da metamorfose. Kafka, propositalmente, faz com que não se possa visualizar plenamente a figura em quem Samsa se transformara. Temos possibilidades, pistas colecionáveis ao longo do desdobramento do enredo, mas nenhuma tentativa objetiva de ilustrar isso. Ele não só torna a ilustração de sua figura um material de zona proibida, mas mantém essa proibição como elemento fundamental da metamorfose. Em síntese, isso significa que não chegamos a vislumbrar o final desse processo, nunca temos a visão plena dessa metamorfose, mas a imaginamos, a sentimos no corpo e conhecemos algumas de suas consequências.

A partir de uma ironia – considerando a figura-inseto numa família pequeno-burguesa, sem poder e possibilidade – ele passa a ter uma vida subterrânea naquela casa; conserva uma capacidade de encontrar-se e situar-se, nesse sentido, ainda que permeado por angústias. É igualmente interessante vislumbrar sua metamorfose como elemento de passagem na qual há uma recusa, em diferentes níveis, à figuração, à possibilidade de uma figura legível, o que nos dá, novamente, oportunidade de associarmos graus e potências diferentes, ficcionalizáveis e inerentes ao universo da pequena burguesia; ao contexto de empregado e da mercantilização do homem; de uma família sufocante e de um contorno de classe e de tradição literária, mas que de alguma forma produz um processo figural que resiste a uma leitura interpretativa unívoca: a falta de uma chave para sua leitura na íntegra é uma característica que soma desconforto ao texto, próximo do desconforto ocasionado ao transitar pelas escadas sombrias do Franz Kafka Museum, onde não é possível conduzir uma leitura precisa das texturas e profundidades do espaço: a única alternativa é percorrer os cômodos permitindo que nossos processos corporais lidem com a falta como bem entenderem, deixando-se embalar pelo ranger da madeira, como se os espaços vazios sob o chão se pronunciassem a cada passo.

É mediante esse desconforto que, enquanto texto, se sustenta com potência de uma dimensão de humor, se mantém caminhando desde a figuração precária do inseto ao chefe que tem medo do inseto; de todos os conflitos cristalizados na figura paterna às transformações concernentes à irmã. Há uma leitura impiedosamente satírica relacionada às figuras problemáticas da vida de um membro da família, denunciando um grau de exclusão e

marginalidade tamanha que, para este, só restaria a morte. Percebermos essa forma processual de exclusão – de eliminação da diferença dentro de um quadro familiar – traz um caráter ainda mais afetivo.

Por fim, pensarmos em uma recepção tridimensional de *A Metamorfose* nos permite, em um ato de fruição metamórfica, refletir sobre os lados das ficções de si e do outro, sabendo que esses tratados ficcionais operam no real, já que o *eu* se comporta de uma dada forma baseando-se também nessas ficções, configurando um devir constante, uma eterna metamorfose.

Não estamos nos tornando necessariamente insetos, mas sempre nos tornando algo diante do outro, submetidos a esse olhar, resultando em tantas variadas figuras, reflexos e formas de interação entre elas. Perceber o caráter operacional da ficção e as simbologias das transformações de Gregor Samsa é treinar o olhar na direção de uma recepção de Franz Kafka em seu conto-gerúndio, construído em caráter de fluxo, metamórfico – uma arte do porvir.

REFERÊNCIAS

CARONE, Modesto. O parasita da família: sobre *A metamorfose* de Kafka. *Literatura e Sociedade*, v. 12, n. 10, 2007, p. 237-243.

FABIÃO, Eleonora. *Performance e história*: em busca de uma historiografia performativa. In: Encontro de Pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Artes do Estado do Rio de Janeiro - Pelas Vias da Dúvida. Rio de Janeiro: Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2012.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Hedra, 1968.

STIERLE, Karlheinz. *A ficção*. Tradução de Luiz Costa Lima. (Novos Cadernos do Mestrado, v.1). Rio de Janeiro: Caetés, 2006.

Este estudo foi financiado pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - Processo SEI 260003/001180/2025/.

Recebido em: 08/05/2025; **Aceito em:** 14/08/2025.